

# O arsenal terapêutico do médico nas fórmulas magistrais – recursos da Mata Atlântica

Wesley Aragão de Moraes

Médico antroposófico e antropólogo, PhD.

Endereço para correspondência: wama933@oi.com.br

---

(...) No caso de ocorrer aquilo que chamamos de doença, quando introduzimos aquelas forças não-humanas no organismo, na forma de uma planta medicinal, por exemplo, como medicamento, ligamos o organismo com aquilo que lhe está faltando. Socorremos o organismo, adicionando aquilo que lhe havia sido retirado ao longo da evolução por termos nos tornado humanos (Steiner, 1989).

**Resumo:** Neste artigo são apresentadas as experiências clínicas do autor com combinações de medicamentos minerais, vegetais e animais, muitos deles disponíveis na nossa Mata Atlântica. Isso demonstra que o médico que trabalha com a visão ontológica da antroposofia dispõe de muitos recursos medicamentosos, desde que seja criativo e capaz de pesquisar em sua própria cultura.

**Palavras-chave:** Fórmula magistral, fitoterapia, medicamentos antroposóficos, flora medicinal da Mata Atlântica.

### Introdução

Geralmente se diferencia, na farmacoterapia, a especialidade farmacêutica da fórmula magistral. A primeira consiste em um produto mercadológico específico, registrado por um determinado laboratório, com embalagem e denominação próprias. Na formação atual dos médicos antroposóficos, assim como na formação dos médicos em geral que lidam com a chamada alopatia, o profissional de saúde vem sendo levado a se familiarizar com determinada listagem de especialidades farmacêuticas, e muito pouco ou nada familiarizado com a arte da formulação magistral. Não é bom que um médico sempre prescreva determinada planta medicinal sem que nunca a tenha visto de perto. Ele, assim, nada sabe a respeito dela. No Brasil, temos uma enorme quantidade de plantas a serem conhecidas e estudadas.

Isso se justifica pela carência de especialidades farmacêuticas disponíveis para o médico que trabalha com antroposofia, por razões diversas, e, a partir deste problema, a possível 'saída' através de formulação magistral, opção que o autor tem feito há alguns anos.

Os fitomedicamentos são recursos importantes da terapêutica antroposófica, já propostos por Rudolf Steiner – como exemplo: *Fragaria vesca*

e *Vitis vinifera*, em uma preparação especial do laboratório Weleda (o antigo Hepatodoron). Mesmo os medicamentos homeopáticos, em sua maioria, são oriundos do reino vegetal. Podemos criar outros fitoterápicos, inclusive acrescentando elementos minerais, metais e extratos animais, sem necessariamente – o que também não seria problema nenhum – recorrer aos chás e ao uso direto e bruto das plantas medicinais.

Para muitas composições, pode-se fazer a simples combinação de diferentes medicamentos em uma única formulação magistral, com tinturas ou dinamizações específicas, preferencialmente em decimal. Para tanto, o médico deve ter o senso mínimo de pesquisa, que deveria fazer, *sine qua non*, parte do espírito terapêutico. A dependência do médico de uma determinada listagem de especialidades farmacêuticas o deixa acomodado e limitado, enquanto o espírito de pesquisa mínimo suficiente para criar fórmulas magistrais originais e específicas para cada caso ou para cada paciente o liberta desta acomodação e dependência.

Como ideal, o médico deveria contar com um profissional farmacêutico que, através de uma parceria, recorreria a fontes idôneas de matéria prima e promoveria uma manipulação de qualidade e acessível.

## A pesquisa básica

Quando falo aqui de pesquisa não me refiro a um campo de pesquisas acadêmico, com metodologia e trabalho de campo elaborados, laboratório etc. Refiro-me, sim, a uma capacidade mínima do médico para ler trabalhos ou livros de botânica medicina (Lorenzi, 2000), conversar e ter a humildade de aprender com pessoas que entendam e usem recursos naturais na arte da cura, fazer cursos, andar no mato para reconhecer espécies vegetais e minerais (como Goethe), ler antroposofia, homeopatia e fitoterapia e aproveitar as dicas de Steiner para a prática terapêutica (Moraes, 2000; Moraes, 2005) etc. A pesquisa básica tem como foco não apenas a botânica, a natureza, mas também a cultura, ou seja, o conhecimento etnobotânico acumulado pelas raízes do povo brasileiro e a literatura acadêmica correspondente. Tudo isto como um caminho cognitivo alternativo ao caminho de simplesmente usar uma listagem já elaborada de especialidades farmacêuticas com indicações já estabelecidas – o que, de certa forma, é o contrário de um espírito inquiridor que pesquisa.

No meu caminho, aprendi bastante com índios – tendo trabalhado com pajés xinguanos como antropólogo – e também pelo fato de residir e trabalhar em zona rural, em área de preservação de Mata Atlântica, pertencente à Associação Beneficente Raphael<sup>1</sup> – onde tenho contato com espécies naturais, com pessoas que acumulam a cultura popular de plantas e pelo menos uma raizeira vizinha, Dona Ana. Um pajé de etnia Kamayurá passou algum tempo frequentando minha casa e fazíamos grandes caminhadas pelas trilhas da mata – quando tive oportunidade de aprender muito com ele.

Tenho realizado ao longo dos últimos anos cursos e *workshops* no Seminário da Floresta, instituição cultural localizada no meio da Mata Atlântica em que resido. Os participantes caminham pela mata, quando então podem

verificar que há uma abundância de plantas medicinais em nossos morros e matas residuais de Mata Atlântica – naqueles que ainda não viraram condomínios de casas, pasto para gado, área de agricultura ou favela.

Por outro lado, no meio acadêmico, pude fazer contato com pesquisadores especializados em etnobotânica que me forneceram uma metodologia útil para conhecer os recursos da área. Também aprendi bastante com a chamada sabedoria popular e com a espiritualidade umbandista afro-brasileira, em sua religiosidade da natureza, cuja linha terapêutica é baseada fundamentalmente no uso mágico e terapêutico das plantas nativas, banhos de descarrego, chás e ervas protetoras.

A medicina e sua prática consistem, como eu vejo, em algo semelhante às artes plásticas – há que se criar e se utilizar a imaginação, ou então se perde seu espírito mercurial.

### Mata Atlântica, a farmácia magna

Paracelso, o alquimista, denominava ‘farmácia magna’ aos imensos e infindáveis recursos da Mãe Terra em termos de plantas medicinais, metais, minerais e animais que poderiam ser reconhecidos, estudados e manipulados para alívio do sofrimento humano, a partir de uma sabedoria alquímica abrangente. Dispondo-se desta sabedoria, o recurso natural se torna um medicamento antroposófico. Esta sabedoria alquímica está já presente no bojo espiritual da antroposofia, em sua mitopoiética, basta que seja utilizada pelo interessado. Para tanto, este precisa conhecê-la bem, o que não é suficiente a partir de cursos rápidos, curtos e sem profundidade.

O povo brasileiro assentou-se 70% em território antes ocupado exclusivamente pela Mata Atlântica, promovendo ao contrário dos antigos ocupantes, os indígenas, um extenso e contínuo processo de desmatamento, que dura até hoje (ela, a Mata, foi reduzida a 7% de seu tamanho original). Por outro lado, a riqueza da

1 - A área de mata atlântica de 30.000 m<sup>2</sup> da Associação Beneficente Raphael, na Floresta, zona rural de Juiz de Fora, foi originalmente pensada como local de um centro antroposófico comunitário de saúde e cultura, uma comunidade para médicos e terapeutas. O projeto ficou parado por anos. Então, para lá me mudei, com este propósito em 1991. De lá realizei, num projeto individual, cursos, pesquisas, nosso ateliê de artes e o que pudemos fazer para impedir o desmatamento do local. A beleza da Mata, a rica flora e abundante fauna, o homem do campo, tornaram-se a fonte de inspiração para nossas pinturas. Mas, passados os anos, graças a Deus, a área foi tombada pelo Instituto Estadual de Florestas como área de proteção ambiental (para a nossa satisfação, pois há quem gostaria de urbanizá-la pensando apenas no vil metal). Por conter espécies vegetais e animais (além da flora em recuperação, a região é habitat de micos, macacos bugios, tatus, pássaros diversos e até onças pardas e lobos guarás, sendo ela continuidade de uma imensa reserva de Mata Atlântica que se estende como um cinturão verde em torno da cidade).

flora de Mata Atlântica tornou-se disponível ao nosso povo e parte da nossa sabedoria de cura popular. São tantas as espécies vegetais de poder medicinal na Mata Atlântica que, para quem não as reconhece, passam a ser classificadas como 'ervas daninhas' ou, simplesmente, 'mato'.

Uma floresta é a materialização do mundo etérico, das forças viventes do planeta. E, como tal, constitui-se de uma ordem sábia, daquilo que os medievais denominavam 'grande cadeia dos seres', onde cada fenômeno tem o seu lugar e o seu momento. Não se trata de uma abundância caótica de formas vivas competindo pelo espaço, mas de uma grande orquestração de vida que segue padrões formativos inteligentes inter e intraespécies. Processos contínuos de nascimento, morte e renascimento sucedem-se ao longo do ano, de modo cíclico. E as diversas espécies da Mata, cada qual sob a sua forma, expressam tais processos cíclicos. É justamente nesta manifestação cíclica das forças elementais – da terra, da água, do ar e do fogo – no dizer imaginativo, que cada espécie apresenta o seu modo de ser característico e a sua aptidão medicinal.

O médico que estuda antroposofia saberá, então, que as forças formativas vitais, agem de modo peculiar e correspondente tanto no mundo natural quanto no mundo interno da fisiologia humana. Há uma correlação entre o comportamento e a estrutura da planta como ente vivo e uma correspondente ação das forças de vida na fisiologia e na patologia humana. Quando esta correlação é percebida e utilizada, temos um medicamento fitoterápico.

popular brasileira – desenvolveram modos peculiares, aliás, mais de um para cada cultura, de revelar e de utilizar tais correlações. Os índios, por exemplo, sonham com as plantas e assim as descobrem em suas indicações. Ou ainda, consultam seus espíritos, através dos sonhos dos pajés, e as apontam. Os africanos, através de seus Orixás, de suas religiões de transe, de modo parecido ao dos indígenas, estabeleceram uma enorme lista de indicações etnobotânicas, também porque na época da escravidão não dispunham de assistência médica na senzala e tinham que 'se virar' com seus conhecimentos nativos. E o povo brasileiro rural herdou tal sabedoria e a utiliza, por tradição, até hoje.

Uma curiosidade etnobotânica é o fato de que as plantas são rebatizadas pelo povo na medida em que este se urbaniza – os nomes

rurais são trocados por nomes industriais. Assim, temos plantas medicinais com nomes tais como 'terramicina', 'novalgina', 'anador', 'penicilina' etc. Cabe ao médico interessado consultar estas fontes todas e aprimorá-las, esclarecê-las e utilizá-las.

### A farmacotécnica básica

A idéia básica antroposófica da planta medicinal é, conforme a frase de Steiner no início deste artigo, ligar ao organismo humano um processo que originalmente lhe pertenceu, mas que foi perdido ao longo da evolução – transformado em qualidades humanas superiores e ainda mantido intacto no reino vegetal. A planta tem uma espécie de registro mnemônico ativo, atuante, de algo arcaico para o humano, mas que atua, por ser assim, como medicamento.

As manipulações magistrais podem ser feitas utilizando como diluente o álcool natural da cana-de-açúcar, solução hidro-alcoólica, somente água (desde que o medicamento seja usado em pouco tempo), glóbulos, lactose ou ainda glicerina. Quando dinamizados, tradicionalmente na medicina antroposófica se usa a escala decimal.

### Algumas fórmulas magistrais com suas indicações clínicas

Seguem algumas sugestões de fórmulas de uso clínico nosso, contendo uma mescla de plantas, minerais e substâncias animais nativas do Brasil com aquelas provindas da Europa. Estas fórmulas podem ser alteradas, simplificadas, ou sofrerem acréscimos. A dose habitual é de 8 a 10 gotas 3 vezes ao dia. Nos casos agudos, até de hora em hora. Em nossa cidade, o custo de mercado de um frasco de 60 mL está em torno de R\$ 15 a 20. Dependendo da planta, prescrevo o chá. Algumas podem ser encontradas sob forma de pó seco, em cápsulas, como o *Maytenus* e a porangaba (*Cordia salicifolia*). O número de exemplos e de indicações aqui é mínimo, diante do imenso potencial medicinal-botânico disponível.

Os componentes das formulações estão em partes iguais (ãã).

**1) *Apis mellifica* D3 / *Belladonna* D4 / *Silicea* D10 / *Mercurius vivus* D15 / *Petiveria alliacea* (guiné), *radix* D2:** para faringite aguda, febre, inflamações. *Petiveria, radix* age como reestruturante das forças formativas caotizadas

na inflamação. Esta planta era conhecida dos índios e usada pelos escravos nas senzalas.

**2) *Ferrum phosphoricum D8 / Silicea D10 / Bryonia D6 / Allium sativum D6 / Tagetes erecta* (cravo de defunto amarelo) D2:** para resfriados, medicamento 'reestruturante' e 'encarnante', sobre o processo inflamatório gripal. O *Tagetes* tem ótimo efeito nas mialgias presentes em viroses e tem sido usada empiricamente nos sintomas da dengue.

**3) *Passiflora D1 / Erythrina mulungu D3 / Zincum valerianicum D8 / Aurantium, flos D3:*** para tensão emocional, ansiedade, insônia – composição com ênfase a duas plantas nativas que têm ação relaxante sobre a organização anímica, em casos de stress e hiperexcitação. Em altas concentrações, os xamãs indígenas utilizam o mulungu como alucinógeno, devido aos seus alcalóides. O maracujá contém, em dose homeopática, também princípios ativos 'desastralizantes'. O valerianato de zinco e o *Aurantium* (flor de laranjeira) são medicamentos galênicos que, dinamizados, sinergizam a ação relaxante.

**4) *Baccharis D1 / Solanum paniculatum* (jurubeba) D2 / *Cynara scolymus* (alcachofra) D1 / *Carduus marianus D4 / Piper aduncum* (pariparoba) D3 / *Vernonia condensata* (alumã ou necroton) D2:** para fígado, disfunções hepatobiliares. Este medicamento contém os processos amargos e térmicos que tonificam a ação digestiva da organização do eu no metabolismo. A jurubeba é o melhor fitoterápico que se conhece para recompor as funções hepáticas desgastadas pelo álcool, ou seja, revitaliza o fígado. A *Vernonia condensata* tem a característica de promover o sabor amargo seguido de uma sensação de doce, *signatura* de seu processo glicídico específico da atuação da organização no eu no fígado.

**5) *Plumeria* (agoniada) D4 / *Aristolochia* (cassaú) D4 / *Melissa D3 / Ruta graveolens* (arruda) D3 / *Chondrodendron platyphyllum* (abútua grande) D3:** para tensão pré-menstrual, cólicas menstruais - composição destinada a suavizar a espasmodia produzida pela relação conflitante da organização anímica ao nível da musculatura involuntária do metabolismo. A *Plumeria*, a *Aristolochia* (esta, uma planta rica em alcalóides, usada pelos nativos para

harmonizar trabalhos de parto e cólicas) e a abútua suavizam a organização anímica, enquanto a arruda e a melissa harmonizam o organismo calórico.

**6) *Cissus sicyoides* (cipó pucá) D3 / *Aesculus D3 / Hamamelis D3 / Cuprum arsenicosum D8:*** para varizes, hemorróidas, venopatias. O *Cissus* é uma vitácea amazônica que regenera os pequenos vasos, agindo em sinergia com as demais plantas, além do processo venusiano do cobre.

**7) *Petiveria alliacea*, (guiné) *radix D3 / Hydrastis D6 / Silicea D10 / Tabebuia* (ipê) D4:** para sinusites, também corizas viróticas. A composição tem o sentido de reforçar a estruturação cefálica, ao nível dos seios da face, além de estimular as defesas e a atuação da organização do eu (*Tabebuia*). A raiz de *Petiveria* contém um processo formativo cefálico específico que a indica para distúrbios inflamatórios na cabeça (sinusites, otites, rinites etc.). Ela harmoniza isto com seu outro processo aliáceo-sulfur que lhe dá o nome botânico.

**8) *Maythenus D3 / Antimonium crudum D8 / Siparuna guianensis D2:*** para gastrites, má digestão, azia, gases. Este medicamento se destina a suavizar o excesso de tônus astral sobre a parte superior do aparelho digestivo, além de estimular uma harmônica permeação da organização do eu pela ação térmica dos óleos voláteis da *Siparuna*, uma monimiácea, parente do *Peumus boldus*.

**9) *Pulmão histamina C6 / Grindelia D4 / Lobelia D4 / Leonotis nepentifolia* (cordão-de-frade) D3 / *Nicotiana D3:*** para asma alérgica seca ou com pouco catarro. Este medicamento tem o objetivo de harmonizar o tônus irregular da organização anímica ao nível brônquico.

**10) *Antimonium.tartaricum D8 / Bryonia D6 / Mykania* (guaco) D3 / *Ferrum sidereum D10 / Leonotis nepentifolia* (cordão-de-frade) D3:** para bronquite catarral. O medicamento procura estimular uma harmoniosa permeação do organismo. térmico sobre o aparelho respiratório, a partir de plantas que tem íntima relação com o processo de calor da natureza (óleos voláteis). Além disto, ele busca ativar um certo processo de reestruturação das mucosas respiratórias.

**11) *Echinodorus* (chapéu de couro) D2 / *Equisetum* D3 / *Smilax japecanga* (tipo de salsaparrilha nativa) D2:** para diurese, depuração do sangue. Medicamento inteiramente constituído por plantas nativas tropicais, destinado a estimular a função depurativa renal

**12) *Rhus toxicodendron* D5 / *Chiococa* (cainca) D3 / *Cordia verbenacea* (erva baleeira) D1:** para reumatismos tenomusculares, fibromialgias, síndrome do carpo. O medicamento visa harmonizar a musculatura e/ou tendões afetados por traumatismos, reorganizando o corpo calórico e suavizando a reação irritativa e álgica da organização anímica pós-traumatismos leves ou médios.

**13) *Kalium phosphoricum* D6 / *Hypericum* D4 / *Ptychopetalum olacoides* (marapuama) D4 / *Anemopaegma arvense* (catuaba) D3:** para estafa, cansaço mental, depressão leve, esgotamento. Euforizante leve, tonificante e revitalizante.

**14) *Cordia verbenacea* (erva baleeira) D3 / *Stachytarpheta* (gervão) D3 / *Casearia sylvestris* (guassatonga) D3:** como cicatrizante de uso interno, traumatismos, após contusões, fraturas ósseas, pós cirurgias, ferimentos. O medicamento contém um forte processo silícico-estruturante a partir das plantas nele presentes, todas elas utilizadas como curativas por povos nativos da América do Sul.

**15) *Striphnodendron barbatiman* (barbatimão) D1 / *Gossypium* (algodoeiro) D1 / *Calendula* TM:** como antisséptico, para uso externo, bochechos ou aplicações locais pele - líquido, gel. O barbatimão é uma planta nativa rica em taninos e

em princípios anti-inflamatórios e cicatrizantes, e que atua sinergicamente com a *Calendula* e com o *Gossypium*, que é hemostático. A solução líquida, se deglutida em gargarejos, não trará problemas ao usuário.

**16) *Siparuna guineensis* D2 / *Cissus sicyoides* (cipó pucá) D3 / *Resina pini* D3 / *Acidum chromicum* D8:** para diabetes do tipo adulto (tipo II) e colesterol alto. Este medicamento contém, associadas, plantas que estimulam a função pancreática, revitalizam-na, como a *Siparuna* e o *Cissus*, aumentando sua circulação, ou promovem o aporte de calor para o órgão. Cromo é um metal que estimula as células endócrinas do pâncreas. A resina de pinheiro – *Pinus sp* - derretida, diluída e dinamizada promove o aquecimento do órgão metabólico ‘esfriado’ pelo diabetes.

**17) *Petiveria aliacea* D6 / *Silicea* D10 / *Aconitum* D6 / *Chamomilla* D10 / *Allium cepa* D4:** para otalgias, otites médias, viroses agudas e resfriados com dor de ouvido. Este medicamento visa reestruturar e ‘desastralizar’ o processo inflamatório ao nível do ouvido.

**18) *Punica, folia et fructus* (romã) TM / *Striphnodendron barbatiman* (barbatimão) D1:** para gargarejos em faringites, diluir gotas em água. O medicamento deve sua ação ao alto teor tanínico e anti-inflamatório local.

**19) *Barium iodatum* D8 / *Calcium phosphoricum* D8 / *Thuya* D8 / *Hydrastis* D10 / *Petiveria alliacea, radix* D8:** para o processo formativo-mineral da cabeça, se enfraquecido, dentes frágeis, processos periodontais, sinusites, faringites, amídalites de repetição e adenóides.

### Referências bibliográficas

Lorenzi H. *Plantas Medicinais no Brasil*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2000. 608 p.  
Moraes WA. *Plantas Medicinais Brasileiras*. Juiz de Fora: Apostila, 2000. 90 p.

Moraes WA. *Medicina Antroposófica: Um paradigma para o século XXI*. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 2005. 384 p.  
Steiner R. *La Ciencia Espiritual y la Medicina*. Buenos Aires: Epidauro, 1989. 340 p.